

Celulares: a tecnologia do telefone móvel mediando uma nova linguagem?

Gil Horta Rodrigues Couto

Esse é o celular perfeito, tem tudo, com ele eu tenho controle de TV, computador, acesso web, leio livros, escuto mp3, jogo e até falo!

(Postado por usuário sobre seu aparelho celular no *site* universo celular)¹

Um meio de comunicação cria um ambiente. Um ambiente é um processo, não é um invólucro. É uma ação e atuará sobre os nossos sistemas nervosos e nas nossas vidas sensoriais, modificando-os por inteiro.

Marshall McLuhan²

Este artigo se propõe a investigar inicialmente, em seu aspecto principal, a comunicação mediada pelo telefone celular. Porém, para um recorte que gere melhor aproveitamento, destacamos – no estudo da comunicação mediada pelo telefone móvel, pelo menos para esse momento – dois eixos que pretendo investigar: qual a linguagem que emerge a partir dessa tecnologia e como o usuário opera com a comunicação promovida pela tecnologia do telefone móvel.

Abordarei superficialmente e propositadamente na primeira parte deste estudo o surgimento do telefone fixo, pois entendo que, talvez, a partir de algum momento em sua história poderemos encontrar pistas que possam indicar o surgimento do telefone celular. Desse modo, estaríamos no caminho para compreender a comunicação mediada por esse artefato tecnológico.

Na segunda parte da pesquisa trabalhei com textos que propõe reflexões para os distintos aspectos que fizeram do celular um canal de comunicação que em princípio difere da telefonia fixa. Sendo assim, no encaço dessas pistas poderíamos questionar: será que o celular estará desconstruindo o mito de ser somente um telefone portátil? Uma extensão do telefone fixo? E se apresenta como uma potente modalidade que efetiva uma comunicação que ultrapassa territórios?

Por fim, na terceira parte, o estudo contemplou uma ainda tímida série de entrevistas com uma amostra eclética de usuários. Foram entrevistadas pessoas em distintas profissões com o intuito, nessa parte do trabalho, de começar a descortinar o modo como o usuário opera com a tecnologia e quais são os pontos mais relevantes na utilização do celular para esse usuário.

Entretanto, para nortear melhor este estudo, alguns aspectos históricos da telefonia fixa podem dar pistas para que o celular se torne não apenas objeto de consumo, talvez, mais que isso, um sujeito que implanta uma cultura nova, uma materialidade carregando, acoplada, uma dinâmica sensorial que afeta diretamente o homem.

O TELEFONE FIXO³

A palavra telefone foi usada pela primeira vez em 1796, relacionada somente a um método acústico. Mais adiante, Alexander Graham Bell patenteou seu invento, próximo ao ano de 1876.

Nesse contexto nos interessa, para este momento, uma pista que poderá vir a ser esclarecedora ao estudo. Próximo à época de difusão do telefone fixo, dois pesquisadores pensaram e colocaram em prática um modelo de hibridização. Theodore Puskas e seu amigo Nikola Tesla fizeram vários testes com a telefonia e, mais adiante, Puskas inaugurava no ano de 1893 a Telefon Himondo em Budapeste, na Hungria,

oferecendo assinaturas do que, com efeito, foi o primeiro sistema de radiodifusão do mundo. Os assinantes recebiam longos fios flexíveis e dois fones de ouvidos redondos e macios, e podiam ouvir um programa diário com variados itens, como boletins de notícias e sumários dos jornais, relatórios sobre a bolsa de valores, ‘palestras’, notícias esportivas e ‘visitas à ópera’. Havia também um programa infantil semanal e ‘palestras linguísticas’ em inglês, italiano e francês (Briggs e Burke, 2004, p. 153).

Utilizando o sistema de telefonia, Theodore Puskas já nos dá uma pista para a multiplicidade de funções em um telefone. Se a voz fazia parte de um *mix* contendo notícias, esporte, a capa do jornal de forma falada, música e entretenimento infantil, Puskas abria o caminho para o rádio, o que ocorreu mais tarde com Marconi, mas, fazendo uma análise, ele também nos fornece, talvez, a idéia do telefone celular. Não que Puskas tenha pensado nisso, pois o telefone ainda era uma tecnologia muito recente e causava mais receio do que admiração, porém, deduzimos e apostamos; essa convergência de mídias em seu *Himondo*⁴ lembra bem a convergência de mídias atualmente imperando nos telefones móveis.

O TELEFONE CELULAR

Cronologicamente, aqui no Brasil a telefonia celular é razoavelmente recente, teve início em 1993 (Ferrari, 2003, p.111), mas outras informações dão conta de que a comunicação *wireless* (sem fio), que seria a base para os celulares, remonta à década de 1940 nos Estados Unidos e teria como sua inventora a austríaca Hedwig Kiesler⁵, que era interessada em tecnologias.

Através do uso de torpedos teleguiados, durante a Segunda Guerra Mundial, por ondas de frequência, Kiesler teve a sua atenção voltada para esse aspecto tecnológico. Intrigada com esse tipo de comunicação criou uma modalidade em que duas pessoas se comunicariam mudando de canal, evitando dessa forma interrupções na conversa. Esse sistema foi patenteado em 1940⁶, porém, era apenas um conceito.

Bem mais adiante, em 1973, dois pesquisadores de laboratórios diferentes faziam a mesma pesquisa em telefonia móvel. Por um lado, Martin Cooper, da Motorola, pesquisava o telefone celular, por outro, Joel Engel, do laboratório rival Bell Labs, perseguia o mesmo objetivo, tanto que, utilizando um aparelho *dynatac*, Cooper conversou com Engel⁷ no que poderá ser chamado de a gênese da telefonia móvel⁸.

Como aconteceu com o telefone fixo, mas parcialmente, pois não gerou uma grande expectativa – talvez pelo fato de que as pessoas acreditassem que o celular viria a ser a extensão do telefone fixo – a nova tecnologia, o celular, entrou no mercado despertando certa incredulidade no usuário, e destacou duas características para esse parcial ceticismo.

Em primeiro lugar, pelo fato de ser caro e as ligações serem também caras e, em última instância, como nos diz Pollyana Ferrari “surgem as primeiras operadoras de telefonia celular. Os aparelhos são grandes, caros e pesados⁹ e têm bateria de pouca duração e não funcionam em boa parte das localidades” (Ferrari, 2003, p.111). Desse modo, podemos refletir com esses dois motivos iniciais que fizeram o celular, num primeiro momento, causar estranheza entre as pessoas: o custo da tecnologia e o pouco alcance de transmissão e recepção.

Historicamente, o celular surgiu na sociedade como extensão do telefone fixo, mas com o caminhar da evolução tecnológica e com novos artefatos e novos enfoques para a comunicação digital, o celular gerou novos aplicativos operacionais, transformando-o em uma base que agrega dispositivos até então com funcionamentos separados: relógio, despertador, mensagem, rádio, imagem, áudio, acesso à Internet. São questões que podemos abstrair do uso do celular na contemporaneidade de maneira a tentarmos perceber o que leva essa tecnologia ter sido tão aceita, principalmente entre os jovens, pois, geralmente, como diz Rheingold (2002, p. XII, *apud* De Souza e Silva, 2006, p. 26) “seus aparelhos possuem capacidades tanto comunicativas como computacionais”, portanto, é interessante começarmos a tentar entender que tipo de comunicação vem imperando entre os usuários do telefone celular.

UMA ESCRITA NÃO-LINEAR

Stéphane Mallarmé tinha uma intenção. Criar um livro — “o mundo, segundo Mallarmé, teria sido feito para terminar num livro” (Grunewald, 1990, p.

135) — que seria um livro dentro de um livro gerando outro livro com muitas informações e que fosse algo *arquitetônico e premeditado*. Mas o que nos interessa é a escrita de Mallarmé, principalmente a disposição dessa escrita na página. Vejamos esse exemplo em um fragmento do seu poema “Livro”:

Tudo o que existe extraído da folha – ao desdobrá-la –
Luz que dela escapa – tudo que se deve
Ver nesse branco virgem num piscar.
+ signos e caracteres
Desdobram-na – suspendem-na exatamente antes da grande aventura
interior, +
Ou se vai saber se alguma coisa ou nada
Além de tudo que é
Duplo
Apesar de desdobrada
Anulam
Ela fica no limiar
Escrever suas repercussões
Eco às páginas (*Idem*, p. 133).

Entretanto, Mallarmé, numa primeira observação e em determinados poemas, dispunha a escrita, de forma que uma palavra não fosse inteiramente subsequente à outra e, numa segunda observação, utilizava o espaço onde escrevia de maneira contraditória à escrita tradicional, ou seja, a maneira a que fomos acostumados a ler na escola.

Vejamos, na disposição original, o fragmento do poema “Livro” de Stéphane Mallarmé. Tentamos reproduzir com o máximo de fidelidade ao original.

Tudo que existe extraído da folha – ao desdobrá-la –
Luz que dela escapa – tudo que se deve
Ver nesse branco virgem num piscar.
+ signo caracteres

Desdobram-na – suspendem-na ²exatamente antes
da grande ³aventura interior, +

suas considerações, mas que pode ser bem aplicada à escrita no telefone celular. Ele nos diz que:

Penso ser a oralidade característica da ‘Escrita Digital’ um dos principais fatores a serem levados em conta quando está em pauta a questão do prazer envolvido no ato de teclar [...]. A ‘Escrita Digital’ parece trazer para a escrita o caráter coloquial e a falta de compromisso característicos da fala (Zaremba, 2006, p. 222).

Imprime-se na escrita digital, se bem entendo a consideração de Raphael, elementos práticos, velozes, lúdicos e que denotam certo prazer em fazer uso, ou seja, gostar de teclar.

Nesse sentido, estaríamos diante de uma escrita jovem? Ou de uma linguagem adolescente? como sugerem Mendes de Almeida e Eugênio (2006), ou ainda para perceber fatores que agregam além da escrita, a leitura dessas mensagens reconhecendo signos visuais e tendo facilidade nas leituras que diferem do formato ocidental da esquerda para a direita embutindo interesse e prazer (Pereira, 2005)?

Fazendo um recorte dentro dessa linha de pensamento, tentamos entender que tipo de linguagem aflora pelo celular. A pessoa que envia uma mensagem imprime emoções tentando reproduzir sua fala originalmente? E o receptor compreende essas emoções?

Em meio a essa nova forma de *escrever*, surgem características interessantes. São mensagens escritas com o mínimo de letras possíveis e que utiliza a tela do aparelho o máximo possível.

Se observarmos algumas mensagens de telefones celulares, verificaremos como é essa escrita não-linear que se desprende de regras ortográficas dando um significado diferenciado a certas palavras.

O usuário do sistema de mensagens via telefone celular, em determinados casos pode utilizar a tela do aparelho e do teclado para criar signos com inúmeras opções a fim de ilustrar a escrita e até demonstrar sentimentos: :) indica estado de alegria; :)), ou de euforia; com intuito de uma possível paquera ;) ou ainda tristeza ou mau-humor : (.

ADAPTAÇÕES À TECNOLOGIA MÓVEL

Num artigo recente sobre telefonia móvel, De Souza e Silva (2006, 25) diz que “no Brasil, assim como nos Estados Unidos, os telefones celulares ainda são utilizados prioritariamente para a comunicação falada, como telefones portáteis” e faz uma comparação sobre o uso do celular em países asiáticos, por exemplo, no Japão, onde comunicar por voz com o celular é pouco utilizado, pois o celular oferece

outras possibilidades que vão além do somente falar e ouvir, por exemplo, conectar-se à Internet.

Contudo, no Brasil existem alguns fatores que podem estar modificando o uso do celular. O primeiro deles é um fato: o número de aparelhos celulares já ultrapassou o de telefones fixos¹⁰. Se existem milhões de aparelhos, arrisco dizer, existem milhões de subjetividades em jogo. Seguindo a pista da escrita digital, abordada no tópico anterior, cogitamos que o uso do celular, assim como no Japão, no Brasil passa a ser de maneira oposta a somente falar e ouvir. Ainda que não exista um acesso à Internet tão ostensivo como nos países asiáticos, outras características podem ser observadas na utilização do celular.

O jovem brasileiro que tem acesso aos artefatos tecnológicos, faz uso de maneira bastante peculiar dessas tecnologias. Baseio essa idéia num relato que está contido no trabalho de Mendes de Almeida e Eugenio (2006) sobre o *fotolog*, espaço virtual onde o usuário, pela Internet, padroniza uma página para postar suas fotos. Porém, se os criadores do *fotolog* pensavam em fazer dessa ferramenta um utilitário para mostrar o trabalho fotográfico do internauta, os brasileiros que passaram a fazer uso da ferramenta deram um outro sentido e viram as possibilidades de criar colunas sociais personalizadas (*Idem*, p. 66)¹¹.

Com essas idéias postas, considero um elemento fundamental para que os brasileiros, aqui em questão, possam se adaptar às ferramentas tecnológicas: apostado na rapidez e na hibridização da tecnologia, com Internet e celulares funcionando juntos.

Essas pessoas se movem o tempo todo e “diferente de espaços sociais públicos urbanos como bares, praças e automóveis, essas novas comunidades são re-configuradas em espaços híbridos, pois seus usuários estão conectados em tempo real a outros usuários via tecnologia digital, dependendo de sua posição relativa a um espaço físico” (De Souza e Silva, 2006, p. 40).

Na terceira parte dessa pesquisa uma das questões que se tornou unanimidade foi o celular possuir câmera. Exemplificando melhor: se numa festa *rave*, com horas de duração, não houver nenhuma foto do usuário, significa que essa pessoa não esteve na festa. O celular com câmera cria o documento principal que valida o estar na festa, a foto que é produzida e postada, seja no *fotolog*, no *blog*, no Orkut, ou mesmo que fique na memória do próprio aparelho, denota o diferencial de ter estado na festa.

Fui ao encontro de informações que busquei através de usuários do celular que, talvez, possam nos ajudar a entender como se opera essa tecnologia e compreender, em certos aspectos, a linguagem emergente do telefone móvel.

USOS DOS CELULARES

Para esse momento do estudo fiz algumas entrevistas de maneira a observar como esses sujeitos operam com o telefone celular e qual é a sua utilidade em seu contexto da vida.

O intuito é ilustrar essa pesquisa e começar a mapear pontos importantes que possam ajudar na seqüência desse estudo, contudo, entendo que, para um trabalho maior, a amostragem deverá ser mais substancial. Antes de prosseguir com os conteúdos das entrevistas, faz-se necessário uma breve apresentação da metodologia utilizada nessa coleta de dados.

OS SUJEITOS

Escolhi pessoas aleatoriamente, e o ambiente para a pesquisa foi o próprio local onde as pessoas exercem suas funções. Gabinete odontológico, estúdio de rádio, departamento de promoção de rádio, redação de radiojornalismo, uma lanchonete, departamento comercial de emissora de rádio e uma revenda de aparelhos celulares. Não delimito idade, porém todos os entrevistados estão acima dos 18 anos.

METODOLOGIA

Utilizei perguntas semi-estruturadas dentro de um roteiro prévio, mas com a intenção de que as questões originais pudessem desdobrar-se em outras. Esse roteiro foi apresentado a cada entrevistado. Nas entrevistas foi utilizado um gravador e fita cassete e os nomes foram substituídos por outros a fim de preservar a identidade dos sujeitos.

ANÁLISE

Ainda de forma bastante superficial, carecendo de aprofundamento, analisei qualitativamente alguns aspectos da utilização do celular através das respostas dos entrevistados. Essa análise está contida em nas considerações finais.

Apesar de operarem diariamente com o celular, os entrevistados desconhecem alguns elementos da comunicação mediada pelo celular e se contradizem como, por exemplo, acreditando que o celular é a extensão do telefone, mas acreditando, também, ser o celular diferente do telefone. Descobri ambigüidades na fala dos entrevistados que pretendo incluir nas considerações finais desse estudo.

O CELULAR EM DISCUSSÃO

A primeira abordagem foi para saber há quanto o tempo o entrevistado possuía o telefone celular. Em média, os entrevistados têm celulares há cinco

anos. Para chegar a essa média, somei os anos das respostas e dividi por nove.

Individualmente, os entrevistados também estão próximos a essa média de cinco anos, todavia, um dos entrevistados tem celular desde o início das operações no Brasil, em 1993.

O que levou essas pessoas a possuírem um telefone celular? Estar na moda acompanhando uma tendência, necessidade ou praticidade?

Ah! Por que minha família queria me encontrar mais fácil e incentivaram a comprar e também, por que, pôxa, eu achava bonitinho andar com celular e pelos serviços que tinha. Podia mandar uma mensagem para minha irmã que estava estudando para falar com ela que ela precisava passar em um lugar para comprar um negócio para mim (Márcia Lima, 19 anos, estudante de meio ambiente).

Ah! Modismo. Todo mundo tinha e precisar, mesmo, acho que eu não precisava, mas só para acompanhar a molecada mesmo, todo mundo estava tendo, né? Para não ficar de fora (Sergio Gomes, 18 anos, estudante).

O celular é visto como comodidade e é utilizado para acompanhar uma tendência de possuir o aparelho como as outras pessoas, estar na moda igual aos outros, porém, o celular é também relacionado à necessidade.

Na época eu trabalhava como técnico de manutenção de computadores e era importante para que os clientes pudessem me achar. Não tinha uma forma mais fácil, pois não podia me dar o luxo de ficar em casa. Então, eu ia atender o cliente, eu tava na rua e eu precisava dessa comunicação e não poderia usar a comunicação de um segundo escritório, nada disso. Eu tinha que estar na rua mesmo, e o celular me facilitava, era fundamental para mim (Cezar Augusto, 31 anos, roteirista comercial de emissora de rádio).

Necessidade. Para te falar a verdade, eu nem quis, relutei até um determinado tempo, por que eu achei que isso ia me prender de uma certa forma. As pessoas, em função do meu trabalho, começaram a me procurar, em casa eu não estava, onde ele está? Precisavam falar comigo. Eu tinha que chegar em casa para retornar as ligações, às vezes você não consegue falar com determinadas pessoas. O trabalho que a gente exerce hoje é fundamental você ter uma forma de ser localizado imediatamente. Aí eu tive que me render ao celular (Marcos Costa, 48 anos, comunicador de rádio).

Durante as investigações, observei que o celular determinou, parcialmente, o fim de um sistema de localização comum na década de 1990, o *pager* ou bip. Era um intermediário entre o usuário e a necessidade de estar em contato com alguém¹². Foi muito usado por vários profissionais, destacamos médicos e dentistas, mas com

o alcance do telefone celular, esse sistema de comunicação ficou obsoleto. A intermediação foi substituída pela mediação.

Para tornar mais fácil as pessoas me localizarem. Na época eu fazia plantão no CROE,¹³ e usávamos o bip. Então, eu tinha que parar, encontrar um telefone fixo, ligar para saber qual era o problema. Com o celular isso ficou mais fácil, porque a clínica ligava direto pra gente. Ao invés da gente ter um bip, eles ligavam, era uma coisa mais fácil. Mas depois a clínica disponibilizou um celular que era do plantonista, tinha um aparelho exclusivo, então o celular substituiu o bip (Lúcio Almeida, 49 anos, cirurgião dentista e implantodontista).

Nesse conjunto de indagações sobre mídias que se agregam ou desaparecem, uma outra questão teve uma receptividade muito grande por parte dos usuários. A câmera fotográfica nos aparelhos. Na visão dessas pessoas, o que significaria ter uma câmera fotográfica num aparelho celular, e que uso é feito dessa câmera?

Não sou tão narcisista, mas eu gosto de bater algumas fotos minhas em algumas situações e tiro fotos do meu gatinho, eu tenho um *book* dele. E de momentos interessantes, num bar com amigos. Depois eu passo para minha máquina [computador] e deixo lá aquelas fotos para a posteridade (Lea Andrade, 33 anos, radialista e promotora de eventos).

O celular com câmera passou a ser um objeto de consumo desejado e, praticamente, a maioria dos aparelhos que são vendidos tem de ter esse elemento acoplado. A foto passou a ser um documento que retrata alguns momentos da vida do usuário. Tirar a foto é validar certos aspectos de vida das pessoas.

Tirar foto, tá na cabeça deles. A questão é de *status*, infelizmente tem muito disso. Por exemplo, se fizermos uma promoção de celular de graça, ainda assim o consumidor quer com câmera. Eles não pensam nem em que plano estarão incluídos e como será a cobrança da conta no fim do mês, isso não interessa, tem é que tirar fotos. Hoje, aqui na loja o que mais vendo é o celular com câmera (Maribel Carvalho, 40 anos, gerente de revenda de aparelhos celulares).

Foto, muita foto. A câmera digital é mais um acessório que a pessoa vai ter que carregar. Se você tem um celular com câmera, enfim, você bate foto, você filma, grava voz, armazena o número do telefone de uma gatinha que acabou de conhecer, você faz tudo ali. É legal aparecer, é legal você mostrar para alguém e é um registro da sua vida (Luís Mello, 28 anos, DJ).

No tempo em que estive entrevistando essas pessoas, observei como elas manuseiam os seus aparelhos, e, em determinados momentos, o entrevistado não

conseguia parar de mexer no celular e, nesse sentido, interagindo com os entrevistados, perguntei se o celular promove *status* para quem o tem.

Com certeza. Tem gente que vai pelo tipo de celular do cara. Promove *status*, sim, mas hoje não é mais impossível ter um celular. Atingiu todas as faixas sociais. Eu vejo tanto quem tem condição econômica com um celular mais simples quanto quem não tem tanta condição econômica com um V3¹⁴, com um celular que só falta falar (Lúcio Almeida, 49 anos, cirurgião dentista e implantodontista).

Com certeza! Esse pessoal que anda com o celular 'penduradinho' assim, aparecendo, e agora tem até uns cordões. Coloca o cordãozinho e pendura o celular. Já vi muitas vezes (Sergio Gomes, 18 anos, estudante).

Não. Já foi. Admito a vaidade de ter um aparelho celular, pensei nisso algum tempo, mas hoje em dia, não, é tão corriqueiro, tão normal, e é bobagem achar que a pessoa tem uma condição social melhor ou pior em função do aparelho que ela tem (Cezar Augusto, 31 anos, roteirista comercial de emissora de rádio).

Depende do dono. Se for um cara que gosta de tirar onda e ficar apresentando o celular na frente da sua cara, eu acho que pode te dar algum *status*. Mas eu acho que não dá *status*, não (Luís Mello, 28 anos, DJ).

A partir dessas quatro respostas, indaguei aos entrevistados sobre o que significa o celular para eles. Diferente da primeira pergunta *por que possuir um aparelho celular* essa questão quis ir além e compreender a expressão dessa tecnologia.

Significa, para mim, o supra-sumo da tecnologia. Celular é uma revolução total em termos de tecnologia. Você está com o mundo na mão (Lúcio Almeida, 49 anos, cirurgião dentista e implantodontista).

Facilidade, comodidade, não preciso sair de minha casa para falar com minha amiga, posso ligar para ela. Talvez ela não esteja em casa e eu não uso o telefone fixo, ou eu não queira levantar da cama para poder ir até o telefone e ligar para ela. É virar para o lado, pegar o celular e ligar. Virou sinônimo de preguiça, comodidade mesmo (Márcia Lima, 19 anos, estudante de meio ambiente).

Enfim, para encerrar esta parte do trabalho, questionei os entrevistados sobre o controle, se o celular teria, sob muitos aspectos, a característica de controlar as pessoas.

De uma certa forma sim. Esse foi um dos motivos de eu resistir, porque acaba te controlando, te policiando. Você, às vezes, está em determinados locais privados e não quer conversar com ninguém, descansando, digamos assim. O celular toca e você se sente policiado.

É uma forma, sim, de controle” (Marcos Costa, 48 anos, Comunicador de rádio).

Sim, com certeza. E esse é o motivo de eu ter ele, para minha mãe me achar mais fácil. Ela me acha onde ela quiser, na hora que ela quiser e fala comigo (Márcia Lima, 19 anos, estudante de meio ambiente).

Com certeza, um desses motivos para não ter celular. Tem momentos que você não quer encheção de saco, pô! Celular é tipo uma prisão, a todo o momento você pode ser encontrado, você está ali, sei lá, descansando e a privacidade sua é zero. O pessoal pode te encontrar a qualquer momento (Sergio Gomes, 18 anos, estudante).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Percebe-se que uma tecnologia, o celular num primeiro momento, encontrou similaridade em outra, a telefonia fixa, operando na cabeça das pessoas a igualdade entre o telefone fixo e o telefone celular. Entretanto, notei diferenças que, talvez, pela sua elementariedade, não provoquem, de modo geral, questionamentos por parte de quem faz uso.

Não coloquei as respostas dos entrevistados, na parte três, a uma das questões, pois todos disseram praticamente o mesmo, ou seja, não. A pergunta foi “você conseguiria viver atualmente sem um telefone celular?” Excetuando o jovem Sergio, que não tem aparelho, mas demonstrou que breve adquirirá outro, todas as pessoas entrevistadas disseram ser impossível, ou quase isso, operar o mundo sem o telefone móvel.

Mcluhan (2001), possível e especulativamente, iria achar interessante esta resposta e, ainda especulando, estaria recebendo retorno sobre o seu conceito de que os meios de comunicação são extensões do homem e, arrisco dizer, o celular seria hoje, talvez, bem mais que uma extensão, um órgão vital. Entretanto, carece aprofundamento e mais estudos para basear essa questão.

A linguagem que emerge no telefone celular, como foi exposto na segunda parte desse estudo, em primeira instância, é semelhante à escrita de e-mails ou conversa *on-line* utilizando MSN ou em salas de bate-papo pelo computador conectado à Internet. Contudo, em alguns aspectos, a linguagem que emerge de uma mensagem enviada via SMS, pelo telefone celular, e, devido à questão do número de caracteres permitidos e valores cobrados, gera, talvez, uma singularidade na maneira de escrevê-las bem próximo do que aventa Siegfried Zielinski, durante suas pesquisas na Universidade de Salzburgo, ao relatar a escrita dos alquimistas. Aqui, com caráter meramente ilustrativo.

[...] a característica decisiva dos textos alquímicos, em comparação com as descobertas publicadas da ciência moderna, é a natureza *privada*

dos tratados elaborados; por esse motivo, estão repletos de estratégias e práticas de disfarce, para preservar seus segredos. As palavras ocultam um significado atrás de outros [...] numa linguagem singular (Zielinski, 2006, p. 25).

Assim como os alquimistas, os usuários do telefone celular podem estar praticando formas subjetivas no envio de suas mensagens, linguagens singulares, como disse Zielinski, a fim de preservar os seus segredos. Se pudermos averiguar, mais adiante, e entre tantas questões, como pode vir a ser uma mensagem via celular entre duas pessoas enamoradas, talvez seja repleta de signos embutidos nas palavras, na utilização de letras soltas nas quais somente os envolvidos entendem as suas criptografias criadas a partir de suas percepções.

Por fim, ainda existem muitas contradições em como o usuário opera com essa tecnologia. Baseado, ainda que de forma reduzida, nas entrevistas que fiz, para todos os entrevistados, o telefone celular é somente um telefone. Todavia, começam as contradições, pois os entrevistados, na terceira parte do trabalho, reconhecem que os elementos agregados à telefonia móvel, imagem, câmera, rádio, mensagem, agenda, são diferenciais que elencam o telefone celular a um posto mais elevado quando comparado com o telefone fixo. Porém, outra contradição, apesar de todos esses elementos hibridizados, como diz De Souza e Silva (2006), o celular ainda é, no Brasil, considerado um telefone portátil e, majoritariamente, para comunicação falada.

Será que isso poderá vir a mudar mais à frente, e o usuário começar a perceber, como disse um dos entrevistados, que tem o mundo nas mãos? Seguir adiante com a investigação é o que pretendo.

GIL HORTA RODRIGUES COUTO é mestrando do Programa de Pós-Graduação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) na área de Novas Tecnologias e Cultura. Bacharel em jornalismo pela Universidade Presidente Antônio Carlos (Unipac - Campus VI – Juiz de Fora/ Minas Gerais). Radialista atuando pela Rádio Solar FM e professor da disciplina Criação e Produção em Áudio da Faculdade do Sudeste Mineiro (Facsum).

NOTAS

* Trabalho submetido e apresentado oralmente no GT Práticas Sociais de Comunicação, do XII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação (Intercom) da Região Sudeste.

1 www.ucel.com.br/coment_usuarioasp?celular

2 McLuhan, em 7 de maio de 1966, durante conferência pública em Nova York.

3 Ver o estudo completo em Briggs e Burke (2004), a partir da página 149.

4 “A palavra ‘Himondo’ tinha suas raízes no passado; ela se traduziu como ‘anunciador de notícias’” (Briggs e Burke, 2004, p. 154).

5 Ela era conhecida como Hedy Lammaar, atriz de Hollywood. Foi estrela no filme de 1949, Sansão e Dalila.

6 <http://www.canalkids.com.br/invencoes/curiosidades>.

7 A conversa entre Martin Cooper e Joel Engel não foi amistosa.

8 <http://www.teleco.com.br/emdebate/quadros>.

9 Um modelo muito comum na época era o PT 550, da empresa Motorola, e suas características eram exatamente caro, bateria de pouca duração e pesado, tanto que esse aparelho recebeu o apelido de tijolo ou tijolão.

10 http://www.vivo.com.br/portal/sobre_telefonia_celular.php.

11 A título meramente de curiosidade, os criadores do fotolog proibiram, alegando sobrecarga do servidor, que mais brasileiros tivessem acesso ao espaço virtual para postagem de fotos.

12 De acordo com o significado postado na Wikipedia, pager é um dispositivo eletrônico que, através de uma rede eletrônica, contacta pessoas. Foi um precedente para as tecnologias móveis e, entre as décadas de 1980 e 1990, alcançou grande popularidade. Interligava uma central, através de transmissões de rádio, até o usuário. Modelos recentes têm incluso a capacidade até de enviar e receber e-mails. Uma característica entre os antigos pager era a mão única. O pager da década de 1980 e 1990 era passivo, somente recebia, não mandava informações de volta para uma central e, com isso, diferente das tecnologias móveis atuais, não podia ser rastreado. <http://pt.wikipedia.org/wiki/pager>.

13 Centro de Reabilitação Oral Especializado.

14 Um dos aparelhos de celular top de linha da empresa Motorola, com câmera, acesso à Internet, entre outros aplicativos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BRIGGS, Asa e BURKE, Peter. *Uma história social da mídia: de Gutenberg à Internet*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.
- DE SOUZA E SILVA, Adriana. Do ciber ao híbrido: tecnologias móveis como interfaces de espaços híbridos. In ARAUJO, Denize Correa (org.). *Imagem [ir]realidade*. Porto Alegre, Sulina, 2006.
- FERRARI, Pollyana. *Jornalismo digital*. São Paulo, Contexto, 2003
- GRUNEWALD, José Lino (trad. e org.). *Poemas/ Stéphane Mallarmé*. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1990.
- MCLUHAN, Marshall. *Os meios de comunicação como extensões do homem*. São Paulo, Cultrix, 2001.
- MENDES DE ALMEIDA, Maria Isabel e EUGENIO, Fernanda. O espaço real e o acúmulo que significa: uma nova gramática para se pensar o uso jovem da Internet no Brasil. In NICOLACI-DA-COSTA, Ana Maria (org.). *Cabeças digitais. O cotidiano na era da informação*. Rio de Janeiro/São Paulo, PUC-Rio/Loyola, 2006.
- PEREIRA, Vinicius Andrade. *Reflexões sobre as materialidades dos meios: embodiment, afetividade e sensorialidade nas dinâmicas de comunicação das novas mídias*. Rio de Janeiro, UERJ, 2005
- RHEINGOLD, Howard (2002). “Smart Mobs: The Next Social Revolution”. Cambridge, Perseus Publishing, 2002, *apud* DE SOUZA E SILVA, Adriana. “Do Ciber ao híbrido: tecnologias móveis como interfaces de espaços híbridos. In ARAUJO, Denize Correa (org.). *Imagem [ir]realidade*. Porto Alegre: Sulina, 2006.
- ZAREMBA, Raphael Sacchi “Do papel para a tela: o nascimento do ‘homem digital’”. In NICOLACI-DA-COSTA, Ana Maria (org.). *Cabeças digitais. O cotidiano na era da informação*. Rio de Janeiro/São Paulo, PUC-Rio/Loyola, 2006.
- ZIELINSKI, Siegfried. *Arqueologia da mídia: em busca do tempo remoto das técnicas do ver e do ouvir*. São Paulo, AnnaBlume, 2006.